

RENÉ SCHÉRER

Um desafio ao século

Prólogo a *O Desejo homossexual* de Guy Hocquenghem

Este livro é histórico, marcou época. Uma época que é conhecida pelo reconhecimento social e político da homossexualidade. Contribuiu, sem provocar de maneira direta, para que a homossexualidade não fosse contada como uma patologia sexual que deveria ser curada. Só por isso, já merece ser reeditado e lido.

1972 é o ano em que os homossexuais começam a se dar a conhecer, a se manifestar, a se manifestar enquanto tais. O começo de uma grande onda que varrerá, na maior parte dos países de cultura europeia, a reprovação que pesava sobre a homossexualidade, o silêncio prudente e pudico em que era rodeada.

Este manifesto inaugural, precursor, afirma e antecipa ideias que serão as do século, enfoques de quase toda reflexão, evidências: que a homossexualidade não é uma doença; que não forma uma categoria sexual bem definida, mas que recobre um conjunto de condutas variáveis, intercambiáveis; que não há um tipo “homossexual” e que as “singularidades” que o caracterizam podem encontrar-se em qualquer outro indivíduo que não se declara homossexual; que, em todo caso, a separação “ativo” e “passivo” se tornou obsoleta e ridícula, assim como a distribuição entre homem e mulher com sua atribuição da passividade ao feminino e da atividade ao caráter varonil.

O desejo homossexual tornou todas essas combinatórias penosamente elaboradas, estes esforços de etiologia clínica, inúteis, meros exercícios escolásticos, velharias. Ao mudar o foco, ao colocar o desejo polimorfo no centro e, ao mesmo tempo, intimar o seu tempo a olhar de frente para os homossexuais e ao escapar do silêncio que constrange os homossexuais à sua vergonha, marca uma época, fala para uma geração à qual não deixamos de pertencer.

Livro, portanto, que compete à história de uma ideia e de um movimento. É, neste sentido, um livro datado, inseparável das circunstâncias de sua publicação, desta emergência de um movimento francês, europeu, mundial. Mas também, um clássico. Isto é, um texto que se separa desta história e nos chega, não somente como testemunha de um passado efetuado, mas como a formulação de questões, de múltiplas questões, de um problema que não para de nos solicitar, de nos atormentar. Pois, se a homossexualidade é, de uma certa maneira, vista como um modo admissível de vida, podemos dizer que, nós, o século, nosso século que se acaba, não terminamos com ela.

Por que falar de homossexualidade, dirão alguns, por que se por a defender a existência original de um desejo homossexual que não seria patológico e que poderíamos reivindicar sem nos fazermos ridicularizar nem proscrever?

Agora a homossexualidade goza de boa reputação. É evocada, em todo lugar, a céu aberto. Produz boas emissões de rádio e de televisão, impulsiona um bom comércio. É, inclusive, politicamente correto honrá-la. Os policiais (*Los maderos*) a respeitam, ainda que só a toquem com a ponta dos dedos; e nunca, pelo menos diretamente, a incriminam.

Todas essas lutas, essas defesas, essa linguagem que Guy Hocquenghem utiliza, polemizando com a psicanálise, baseando-se no *Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, referindo-se muito explicitamente aos movimentos de 1968 e a um partido comunista ainda sob a obediência a Moscou, este uso do vocábulo “revolução” que a sociedade contemporânea entende, em sua quase totalidade, com dificuldade, tudo isso não estaria superado? Não é uma outra história? Hoje em dia não é isso que importa. O que importa é, aparentemente, por parte dos que não são homossexuais, jovens ou não, mostrar a maior indulgência, ou melhor, a mais perfeita indiferença para com os que o são – “homossexual, tudo bem, não me diz respeito, não é problema meu, mas dele” – e, por parte dos que o são, se se proclamam, se se reivindicam como tais, o que importa é saber se se chamarão de preferência *gays* ou *queers*, se viverão, ou não, como um casal estável. De qualquer modo, já se sabe, nem sequer é isto que nos solicita, mas sim os problemas muito mais concretos da saúde, do

emprego, da moradia. O sexo, o desejo parecem já estar no segundo plano das preocupações da geração que vem.

Então, que interesse pode ter um livro sobre o desejo, ainda mais sobre o desejo homossexual e numa perspectiva polêmica, militante? Se admitimos que existe, por que deveriam se justificar aqueles que são por ele animados? Por que os que não se veem afetados deveriam se preocupar com ele, uma vez que já está bem estabelecido que aceitam, para os outros, sua existência?

Para os outros, sim; e talvez esteja aí o ponto, o ponto central, o caminho pelo qual é preciso entrar nesse desejo; entrar nesse livro escrito há mais de trinta anos por um rapaz irritado, apaixonado e mordaz. Este outro justamente. Este outro entre “nós”. Não falo de mim, amigo dele, atrever-me-ia a dizer seu “amante” de então? Mas deste *outro* que são todos os leitores em potencial. Visto que este livro, este panfleto valente e fulminante de um rapaz de vinte e quatro anos, não se dirigia aos homossexuais em particular, ainda que tivesse a intenção de despertá-los, ao mesmo tempo que fustigá-los em relação à sua vergonha, à sua aceitação de todos os preconceitos de uma sociedade que os excluía. Estes homossexuais envergonhados, que aceitavam tudo o que estava estabelecido para interpretá-los, explicá-los desde a perspectiva dos outros. Estes outros, ou seja, os dominantes, os majoritários, os “nós”. Pois eram eles que eram outros, constitucionalmente, de forma irremediável, excluídos do desejo.

Guy, radiante, mordaz, feroz, apropria-se desta alteridade constitutiva. A reverte e faz dela uma arma.

A primeira frase é o ataque que marca a tônica: “o que causa o problema não é o desejo homossexual, mas o medo da homossexualidade”. São vocês, os que têm medo, os que estão capturados numa psicose, ou que são neuróticos, não eu, não nós. Eis o problema. O restante, as longas análises, as amplas demonstrações extraídas da linguagem das lutas de então, das armas que se forjaram contra os que queriam rechaçar a homossexualidade deste desejo tão forte – frequentemente compartilhado, mas universalmente condenado – de ter direito de entrada na sociedade, parece-nos de pouco peso; é menos importante do que esse tom, do que esse estilo colérico que dá a uma argumentação severa – necessariamente carregada de termos clínicos em que, durante mais de um século, se prendeu a homossexualidade – o aspecto do entusiasmo.

Devo retomar fio da meada: é verdade que o contexto de então importa menos? Mesmo que apenas como advertência, *O desejo homossexual* tem o grande interesse de por sob nossos olhos, os termos nos quais a homossexualidade, em 1970, era tratada, no sentido de uma doença, ou de uma incapacidade, culpabilizada, calada. De recordar a atitude de uma psiquiatria responsável, como motivação secreta do legislador, por este estado de coisas; em especial a responsabilidade da psicanálise que não deixou de castigar, mesmo entre nós. Não me é possível entrar nos detalhes que serão lidos no texto. Contudo, gostaria, como preâmbulo a toda leitura, de precisar duas coisas: primeiro, que Guy tem o cuidado de diferenciar a obra e o pensamento de um Freud aplicado em expor o caráter finalmente “normal” da perversão, universalmente compartilhado por seus seguidores da psicanálise. Quando se havia de realizar esta liberação do desejo foi que Freud descobriu, no entanto, a lei familiar do “complexo de Édipo” e o aprisionou mais do que nunca. Daí a ambiguidade de Freud. A franca ruptura com todo um sistema de interpretação. O desejo homossexual não precisa de uma busca de suas causas, como se fosse um desvio, ou um bloqueio. Este *o* desejo homossexual que não é bloqueável, em sua imensidade, sua polivalência, sobre um único objeto. Que justamente o *objeto* não basta para definir o desejo. Por isso, evidentemente, este livro não deve ser lido como um livro de sexologia, tampouco como um livro que diz respeito especificamente aos homossexuais.

Neste sentido, se é perfeitamente inatual, no que está muito afastado das preocupações contemporâneas, que sempre se mantêm estreitas, preocupadas com classificações precisas, por divisões que respondem a uma lógica binária de investigação, ou de interrogação abominável. A ideia central, diretiva, aquela em torno da qual tudo gravita, o “pivô”, para empregar uma palavra de Fourier, não é um desejo específico do homossexual; é *o* desejo pelo qual a homossexualidade é menos uma qualificação de uma eleição particular do que a porta de saída das limitações em que

nos fechamos por conta das coações, dos caminhos estreitos pelos quais devemos passar desde a infância.

Certamente, é completamente *inatural* esta ideia de pensar a homossexualidade a partir da infância, de repensar, a favor da homossexualidade, toda a razão de ser da “civilização”, da educação. De compreendê-la a partir do esvaziamento, por parte da linguagem e das instituições políticas, de uma sexualidade confinada sob suas formas mais conservadoras, no âmbito tradicional do casal heterossexual e da família.

A partir da infância... mas não se trata em absoluto – compreendamos bem – de propôr uma nova gênese à moda psicanalítica (um “estágio”, uma fixação provisória que deve ser abandonada na idade adulta), mas sim de reconhecer desde a infância e à criança um desejo plenamente formado, legítimo e com direito a seu exercício. E o livro denuncia – entrelinhas, concordo, mas de maneira contundente – a propósito do recobrimento do desejo pelo discurso político, este abuso de negar à criança, ao menor, o uso do prazer, em nome, precisamente, de uma menoridade que o escraviza (“e se quisermos ser corrompidos!” Guy faz dizer a seus menores “protegidos”). Sim! O desejo homossexual é, antes de tudo, questão de infância.

Inatuais estas ideias, mas no sentido que Nietzsche tornou famoso, o de *Considerações inatuais* ou *intempestivas*, tão pouco em consonância com nossa mentalidade que as toma como inoportunas.

Esta atualidade assegura uma validade das análises de Guy Hocquenghem, muito além das circunstâncias de sua escrita. Pois, despertam-nos do sono provocado por tantas certezas beatas em torno de uma democracia enfim alcançada e de uma tolerância generalizada.

O desejo homossexual as ataca e corrói sobre vários pontos dos quais – para guiar a leitura – retenho três essenciais.

Há tanta “naturalidade” no desejo homossexual quanto no heterossexual; o que é, hoje em dia, quase sempre admitido. Mas sobretudo – o que aí obstaculiza nossa mania classificatória – o desejo zomba das identidades sexuais porque não lhe interessam. É a educação familiar, edipiana, que dobra o indivíduo na busca de uma identidade, cindindo e castrando o desejo.

Paradoxalmente, é a psicanálise que reserva com exclusividade o desejo normal à heterossexualidade, fundadora da ordem humana, da naturalidade do casal, da família, psicanálise que outorga à homossexualidade a grande função de socialização. É a homossexualidade que forma o grupo, o social. Mas cuidado! A homossexualidade não sexualmente ativa, mas “sublimada”. Guy Hocquenghem se apropria deste reconhecimento, desta manifestação importante, fundamental. Toma-lhe a palavra, mas coloca a questão: por que sublimado, dessexualizado? Não haveria na homossexualidade ativa, ao contrário, a via de uma socialidade, de uma generosidade para com o outro que a heterossexualidade exclusiva atribui ao casal recolhido, de modo egoísta, em si mesmo? O sofisma psicanalítico consiste em transformar em exigência absoluta, incondicional, uma repressão da parte sexual do desejo para que haja socialização. Somente garante a supremacia masculina, a do homem-objeto sobre a mulher-objeto. Esta lei nada mais é do que a do falocentrismo; a arapuca que faz gravitar toda sociedade humana e seu sentido em torno do *falo* (este “significante maior” que a interpretação estruturalista de Jacques Lacan acaba de inventar e que *O Anti-Édipo* capta com eloquência).

O terceiro ponto, complementar, é que a homossexualidade tem valor precisamente por não reconduzir ou reproduzir os papéis que a sociedade heterossexual inventou, porque tais papéis só existem para ela. Faz falta um descentramento do sexual, falo do Falo, faz falta uma outra perspectiva, outra socialização que não seja pela proliferação dos casais e das famílias. Daí, esta apologia ou exaltação do *anus* que poderá surpreender, ou divertir a alguns, mas que designa, além de certa provocação inevitável, uma sociedade não autoritária, não hierárquica, que rechaça toda transformação do “outro” em objeto, precisamente porque para ele conduz um desejo pleno – não mutilado, plenamente corporal e sexual – de ser possuído pelo desejo, em vez de possuí-lo.

Tudo está dito, talvez não nestes termos, mas bem legível, dando sentido com esta referência a um Genet que não dissocia suas eleições políticas de seus amores, a um Fourier com seu *Novo mundo amoroso* implicando uma nova ordem social.

Também pensava em *O desejo homossexual* percorrer páginas recentemente escritas por Pasolini, quase na mesma época, nas que este último se entregava, em *Petróleo*, a uma extraordinária digressão sobre a infinitude do “ser possuído” em relação com a finitude agressiva da simples “posseção”. Tanto a posseção do corpo como a de sua mente. Assim, a intempestividade deste livro, em suas brilhantes e por vezes hiperbólicas variações, provoca, induz a uma espécie de posseção espiritual.

Entendemos suficientemente que sua lógica tem pouco, ou nada a ver com o novelo em que enreda a reflexão contemporânea de e sobre a homossexualidade, com seu humanismo desenfreado, limitado entre o personalismo e o jurídico de um “sexualmente correto”. Refuta tudo isso num golpe; e, sem descuidar da questão dos direitos, já que se trata de uma luta iniciada e bem real, confere à realidade por conquistar, uma dimensão completamente diferente: a de uma sociedade de um novo tipo, que não repousa sobre a exclusão com seus falsos problemas de sujeito e objeto, sua zelosa proteção dos corpos, de uma esfera privada que – longe de ser espaço de liberdade – é aquela em que se decidem todas as formas de proibição, mas sim sobre a inclusão, a acolhida, inclusive eu diria sem falsear as intenções de Guy nem fazer os mortos falarem, sobre uma *hospitalidade* universal e absoluta

Precisamos urgentemente desta inaturalidade. Hoje em dia, formulado por Guy, *O desejo homossexual*, com seus prolongamentos pondo em questão a esfera política e a ordem da civilização, resplandece num novo dia. Entra em ressonância com tudo o que, entre nós, gera problemas. Não somente a homossexualidade que talvez tenha, de fato, de um certo modo e como problema sexual deixado de “dar problema”, mas com tudo o que em torno dela, em sua órbita, repugna a ordem política, social, econômica, ecológica, sexual, da globalização: esta famosa “civilização” que Fourier qualificava, Guy o lembra, de “ordem subversiva”, longe de ser a solução mais adaptada ao desenvolvimento humano, à satisfação das necessidades e dos desejos.

A memória que desperta e de agulhoa esta leitura não é uma nostalgia do passado; tampouco deve ser uma simples curiosidade atraída pela história do movimento homossexual. Ainda que seja apaixonante ir buscar nas fontes de um movimento a inspiração primeira, mas não arrefecida ou institucionalizada. Do mesmo modo que sempre temos interesse e alegria em reabrir Freud, ir à fonte fresca de uma inspiração bem mais diversificada e generosa do que a de seus seguidores. Como esse texto que, polemizando com o fundador de uma psicanálise que se tornou servente do poder, participa de um esclarecimento da fonte, que permite compreender melhor a necessidade absoluta de uma ruptura com tudo o que lembra a Freud e aos seus.

O primeiro impulso, está claro, foi dado a *O desejo homossexual* pelo deslumbrante, revolucionário parricídio de Gilles Deleuze e de Felix Guattari em *O Anti-Édipo*, substituindo o aprisionador núcleo familiar pelas “máquinas desejanter” lançadas ao ar livre. Este sopro de ar puro anima Guy, o exalta; ele se apegue a estas máquinas em seguida a seus inventores. Mas não é um simples discípulo.

O escrito está longe de ser a aplicação de uma teoria, par mais presente e insistente que seja. Ele a leva em conta com toda sua juventude e sua fé. Ele a completa também, dando-lhe uma força desconhecida pelos próprios autores, porque é seu corpo, sua vida que estão em jogo.

Por sinal, um ano depois Gilles, escrevendo um prefácio para Guy, esta espécie de *post-scriptum* a *O desejo homossexual* que é *L'après-mai des faunes*, renderá homenagem a este jovem discípulo que abriu, para o próprio Gilles, um novo caminho de reflexão.

Livro histórico, escrevi no começo. Quero precisar, dizer agora que, por sua mediação, se abriu um diálogo entre nós e a história. Obriga nossa história a sair de sua reserva, a justificar-se porque, por mais recente que seja, possa parecer tão distante, porque, sempre empurrados para frente pelas exigências dos modos e em prejuízo da atualidade, nos esquecemos das origens e não sabemos colocar os verdadeiros problemas.

Situamo-nos no acontecimento de uma luta em curso. Uma luta que *O desejo homossexual* foi o gesto fundador, o primeiro impulso. Um gesto, para concluir com uma expressão estimada por Péguy, justamente, belo como o desafio ao século de sua “alma carnal”.

